

Quantos livros escritos por mulheres você já leu?

Por Marina Pinho · 18/04/2018

Grupos se unem na internet para traduzir para o português e difundir textos feministas e obras de escritoras que não chegariam ao Brasil através de editoras

Por Laís Modelli, [Deutsche Welle](#)

“Mulheres que conjuram traduções”: assim o coletivo feminista brasileiro “Sycorax” define sua missão.

Tudo começou em 2013, quando um grupo de brasileiras conheceu a obra *Caliban and the witch: women, tcaliban imagemhe body and primitive accumulation*, da italiana Silvia Federici.

Historiadora com foco na luta feminina, Federici estudou a relação entre o surgimento do capitalismo e a onda de perseguição de mulheres no final do feudalismo.

Em *Caliban and the witch*, a italiana descreve como a caça às bruxas teve por objetivo exterminar mulheres rebeldes, independentes e importantes em suas comunidades – como curandeiras e parteiras – para criar um novo sistema baseado em parte na exploração e na submissão das mulheres, o capitalismo.

“Algumas das mulheres que viriam a formar o coletivo moravam em países da América Latina, onde a obra de Federici havia se transformado em importante

debate para o feminismo local”, conta a advogada e assistente editorial Leila Giovana Izidoro, membro do Sycorx.

Leila conta que, quando voltaram ao Brasil, as mulheres do grupo procuraram textos de Federici para compartilhar com amigas e movimentos, mas descobriram que não havia nada dela traduzido para o português.

Elas se uniram então para traduzir coletivamente *Caliban and the witch*. Nascia o coletivo Sycorax, onde brasileiras “conjurariam” traduções feministas, chamando a atenção para a necessidade de se quebrar barreiras linguísticas que existem entre brasileiras e autoras estrangeiras.

O grupo levou três anos para traduzir a obra. Em 2016, disponibilizaram a tradução de graça na internet, fazendo com que Federici passasse a ser conhecida entre leitoras brasileiras.

Com a repercussão, a Fundação Rosa Luxemburgo apoiou o coletivo a publicar uma edição do livro no Brasil: *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, lançado no ano passado com a presença da própria Silvia Federici em São Paulo e Rio de Janeiro.

“O lançamento virou reuniões e discussões com leitoras que queriam conhecer a obra de Federici”, conta Lia Urbini, socióloga e revisora de textos, membro do Sycorax.

“No final, percebemos que foi mais que um trabalho de tradução, o projeto havia se transformado em um ponto de partida para abrir diálogos entre feministas brasileiras e as estrangeiras”, afirma a revisora.

Rede de solidariedade

angelaA cientista social Shisleni Macedo, membro do Sycorax, lembra a filósofa Angela Davis, por exemplo, como outra autora clássica feminista que demorou para chegar ao Brasil por meio de uma editora: somente em 2017, 37 anos depois do lançamento original, a obra mais importante de Davis, *Mulheres, raça e classe*, foi lançada em português.

Antes disso, contudo, redes de mulheres organizadas em grupos de estudos feministas, clubes de leitura e grupos nas redes sociais na internet já traduziam e trocavam textos de Davis entre si.

“Muitas autoras ainda permanecem sem tradução oficial, como Monique Wittig, Sandra Harding, Bell Hooks e Patricia Hill Collins”, lista Macedo, ressaltando a importância da união dessas leitoras no Brasil para driblar o mercado editorial nacional.

De acordo com pesquisa da UnB, o perfil dos escritores brasileiros publicados no Brasil ainda é o mesmo desde 1965: mais de 70% são homens. Os personagens na literatura nacional, por exemplo, também são sobre o universo masculino: 60% dos livros são protagonizados por homens.

O coletivo “Leia Mulheres” é outra iniciativa nascida da união de brasileiras que buscavam incentivar e disseminar a leitura de autoras no Brasil.

O grupo nasceu em 2014, na internet, com a provocação: quantos livros escritos por mulheres você já leu? Naquele mesmo ano, a hashtag *#Leiamulheres* viralizou, criando uma roda de discussão, indicações e troca de livros escritos por mulheres.

Atualmente, o Leia Mulheres é o maior clube no Brasil de leitura de escritoras, com ações tanto na internet como em encontros físicos que ocorrem em cerca de 30 cidades do país.

Mulheres para ler em 2018

1. “Memoirs of a woman doctor”, de Nawal el-Saadawi

A escritora egípcia Nawal el-Saadawi entrou para a história como a primeira mulher árabe a ter escrito sobre sexo. Em *Memoirs of a woman doctor*, a escritora narra a luta de uma jovem egípcia para estudar medicina. Além de enfrentar o machismo da família tradicional em que foi criada, a personagem também tem que lidar com a situação de ser a única mulher de sua turma. O livro não tem tradução para o português.

22. “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Alexijevich

Depois de ganhar o Nobel de Literatura em 2015, a jornalista bielorrussa Svetlana Alexijevich conseguiu publicar uma edição em português do seu livro *A guerra não tem rosto de mulher*. A obra reúne depoimentos em primeira pessoa de mulheres do Leste europeu que lutaram pela Rússia na Segunda Guerra Mundial. Hoje, idosas, as mulheres contam histórias que foram forçadas a viver ainda na adolescência, servindo como enfermeiras, cozinheiras, francoatiradoras, pilotas, paraquedistas e diversas outras posições, inclusive no front, combatendo os nazistas.

china3. “As boas mulheres da China: vozes ocultas”, de Xinran

A jornalista Xinran entrevistou em seu programa de rádio, por uma década – fim dos anos 80 e começo dos 90 – mulheres da sociedade chinesa para discutir temas femininos ignorados na China do final do século 20. Xinran conseguiu importantes relatos, que iam de estupros a casamentos forçados. Com o fim do programa de rádio, a jornalista escreveu *As boas mulheres da China: vozes ocultas* para não deixar que

esses depoimentos de mulheres chinesas se perdessem.

44. “The stone virgins”, de Yvonne Vera

Yvonne Vera escreve ficção sobre mulheres do Zimbábue, retratando uma sociedade regida pelo patriarcalismo das famílias africanas e pelos valores de um governo opressor. Em *The stone virgins*, sem edição em português, a escritora ambienta o romance nos anos 80, numa África do Sul marcada por forte agitação civil e lutas por independência. O momento histórico do país é contado sob o ponto de vista de duas irmãs que, em meio a inúmeras violências, tentam encontrar maneiras de sobreviver e de buscar dignidade.